

A sombra de um homem só
Poemas seleccionados¹

João de Mancelos

Alguns poemas do livro

¹ Mancelos, João de. *A sombra de um homem só: Poemas seleccionados*. Lisboa: Colibri, 2022. ISBN: 978-989-566-161-9.

A oeste deste céu
(1993)

a lírica mínima do amor

é raro, o amor,
como o deslumbramento da labareda
no céu de verão.

é a secura última das amoras,
é um tremente olhar
à sombra de outro olhar.

e, mais insustentável,
é um lago que se agita nas mãos
e sabe a lume de rapariga.

e há quem rumo à noite
se sacie em ti
até à fundura da solidão.

é raro, o amor:
é apenas esse nome teu
que em meus lábios floresce.

lábios

duas flores
esmagadas
no silêncio,

um gomo de asas
contempladas
em si,

solitárias ilhas
debruçadas
nas marés de uma palavra.

O labor das marés
(1994)

beijo

vinho de sopro,
meridiano
de poetas,

traição de deuses,
preço
de escravas,

duas bocas à distância
da mais breve
das palavras.

as cidades invisíveis

é o início das chuvas, o amor.
encontramo-nos, de acesos lábios,
mãos feridas de ruína e solidão.

passam fantasmas vestidos de gente,
sombras, ilhas,
um breve par adolescente.

somos invisíveis, na hora de ponta,
e até um anjo de pedra
afasta o rosto de nós:

ninguém sabe, meu amor,
que só o teu nome é uma ave
no final da minha voz.

noturno

assim me vem a noite:
as chamas entre os lábios,
os dedos dóceis como água.

aéreos, um a um,
teus gestos me poisam
pelo peito:

exausto bando de aves
sobre a minha cidade
desolada.

Línguas de fogo
(2001)

terra incógnita

há uma terra a leste do coração,
para lá dos mundos
naufragados,

um lugar onde as adolescentes
se deitam com os primeiros
lobos da manhã,

onde deus está por inventar,
e lucífer não desembarcou ainda
com suas filhas de prata.

não tem nome, nem mapa, nem rota:
é uma terra de vento e luz,
uma pulsante ilha no meu peito.

escuta-a, amor,
a terra onde uma noite apenas
dura todo o sempre.

no coração arruinado da cidade

sobe as escadas até ao amor,
onde a mulher é um corpo contigo,
e a noite tem um ano de cem séculos.

pergunta-lhe pelo vento, que fez dele,
se recorda o instante
em que o sangue foi vinho amargo.

ama-a, dança-lhe os passos,
limpa-lhe o batom,
sepulta-a na cama outrora neve,

onde todas as sementes de fogo
já arderam.
e depois sai. sai.

deixa-a carpindo maquilhagem
e confessando a noite a um cigarro.
mas não esqueças nunca:

a cor das lágrimas, o desfiar de amantes,
o perfeito som do vento
no coração arruinado da cidade.

há demasiada beleza em ti

há demasiada beleza em ti,
quando caminhamos na chuva
que gela as fraturas da alma.

conheci-te sob a bandeira branca
de uma adolescência a sangrar,
quando ainda desenhavas corações de giz.

e a memória desses dias adormece
em mim, a sua corola intacta
neste outono de pássaros mortos.

e é por essa beleza que hei de ir
ao encontro do vento,
do perfume azul do lilás e de ti:

para te devolver a inocência da labareda
e o olhar de todas as meninas
que, por engano, amei em vez de ti.

O pó da sombra
(2014)

ars poetica

os pequenos incidentes dos dias
não são mais do que dobras e vincos.
poema a poema, passo a alma a ferro.

mil novecentos e oitenta e cinco

nesse tempo, deus existia ainda
e tudo quanto era frágil respirava
loucamente.

havia sempre música
para os cleptomaníacos do coração,
cada menina, uma letra incompleta.

os rapazes cresciam
com olhos prateados
e totens erguidos nas dunas.

debaixo da saia das raparigas
havia flores rasgadas
e sonhos de cavalos bêbedos.

tão jovem, só o vento
e as revoluções do amor
que beijo a beijo atraíçóávamos.

depois do amor

às vezes, depois do amor,
quando feras dóceis rondam o nosso sono,
e afastam os passos dos teus amantes,

às vezes, quando me encosto à nudez, exausto,
e tomo o peso às tuas palavras,
e fico sempre devedor,

às vezes, quando me inventas um nome
para que a madrugada chegue
e eu não tenha de morrer nunca mais,

às vezes, penso no deus que te perdeu,
e choro, às escondidas,
por ele.

O teu nome incendiado de azul
(2016)

por ti, reparti a noite, o medo e o amor

por ti, reparti a noite, o medo e o amor,
nudez a nudez,
numa equação tão ínfima quanto perfeita.

recolhi todos os papagaios de papel,
destroçados pelo vento norte,
até nada mais ferir a praia.

roubei o fogo e voei até ao sol,
querendo beijar a chama límpida,
que só cresce no fim da tarde.

estendi numa corda as palavras,
em versos incendiados,
para que não tivesses de inventar o silêncio.

e menti-te sobre a morte e o inverno,
esperando que o dia de amanhã
cobrisse, brando, todo o horizonte.

para que serve o outono, diz-me

para que serve o outono, diz-me,
se esta noite nenhum tigre brilha,
estendido sobre o teu corpo?

se o céu não é suficientemente
escuro para que o fogo
possa crescer, límpido, entre as mãos?

se, do peito, nenhuma cotovia se eleva,
cantando, dolorosamente,
num país tão longe da alma?

um livro me leva pela mão

folheio, devagar, as páginas de um livro:
ondas pálidas e cardumes de letras negras
flutuam-me entre as mãos.

escuto o sussurro de poemas antigos
deslizando sob os meus dedos,
na mútua carícia de quem troca o lume.

entre a capa e a contracapa,
versos murmuram, rimas ardem, palavras
cálidas como uma mulher entreaberta.

e toda a imensa noite o livro me leva pela mão,
em cada página, a ferida do amor
e o oceano de um branco quase azul.

é madrugada. fecho-o, por fim. o mar sossega.
tranquilas vozes adormecem o silêncio
e no sono de um verso naufragamos.

Luzes distantes, vozes perdidas
(2019)

um beijo inacabado

uma rapariga é sempre
um beijo inacabado
na boca imortal do verão.

era uma rapariga na idade das cerejas

era uma rapariga na idade das cerejas:
mesmo de mão luminosa entre as coxas,
inventava poemas sobre a morte.

mãos em concha

transporto o oceano nas mãos em concha.
caminho cautelosamente, para não tropeçar.
a gota que perder podes ser tu.

**Novos poemas
(2022)**

eram jovens

eram jovens, muito jovens,
mas o grito luminoso da sua paixão
vinha do princípio do mundo.

eram jovens e tinham fome
de azul e de sol negro e de beijos
como relâmpagos desesperados.

fome de canções ardendo nas ondas,
e também de planícies de silêncio,
após as ínfimas mortes do amor.

eram jovens, tão jovens,
e o seu nome antigo só o vento
lembrará.

são raparigas, as palmeiras

são raparigas
dançando ao vento,
as palmeiras.

ilusões sinuosas,
feminino rumor de ar,
no engano do deserto.

quem não as deseja
entre a caligrafia seca
das dunas?

mas não esperes delas água:
só a sua sombra
matará a tua sede.

regressarei contigo

regressarei contigo, da noite mais longa,
com as mãos a transbordar de lume,
sabendo que nunca morreremos.

por ti, enfrentarei a chuva, a pólvora,
o deserto, o pânico, o negrume, a cinza,
quando todos os castelos arderem.

e, pelos teus olhos verei, cego de luz,
nascer a seara azul
na primeira onda da madrugada.

contigo, atravessarei os arcos do futuro,
rumo às planícies onde riem e brincam
as mais belas crianças do infinito.

Sinopse

A sombra de um homem só: Poemas selecionados, de João de Mancelos, reúne os melhores textos publicados pelo autor, em seis livros, ao longo de trinta anos. Na secção final, apresenta algumas composições mais recentes, surgidas em antologias e revistas de literatura. Trata-se de uma poesia predominantemente lírica, marcada pela beleza, musicalidade e poder da metáfora. Este legado resgata do oblívio numerosos textos, convidando novos leitores a descobri-los.